

## A dispersão antes da oficina

Na época da oficina, a conjuntura era de dispersão entre aqueles que fazem a percussão em Alagoas, motivada por falta de organização dos músicos, como também por pouca ou quase nenhuma política pública para o setor. Ficando a cargo dos grupos, a luta pela existência, manutenção e consolidação de seus espaços, entre esses caminhos, diversas identidades foram formadas. Essa busca de significados e identidades define diferenças e pontos em comum entre os grupos que formam o Novo Maracatu Alagoano, como também nos mostrou o processo de "re-invenção" das tradições

dentro dessa modalidade cultural.

O diferencial que suas atividades provocam na cena musical e cultural local é perceptível, desde as primeiras apresentações do Maracatu Baque Alagoano passando pelo cortejo unificado do Coletivo AfroCaeté e do Maracatu A Corte de Ariá na prévia de carnaval em Maceió, até a Coroação de Maracatu Nação Acorte de Airá em 18 de novembro de 2011, nota-se a força e fertilidade que o maracatu carrega no Estado alagoano. Grupos formados por jovens, com novas formas de vestir e tocar, dançando

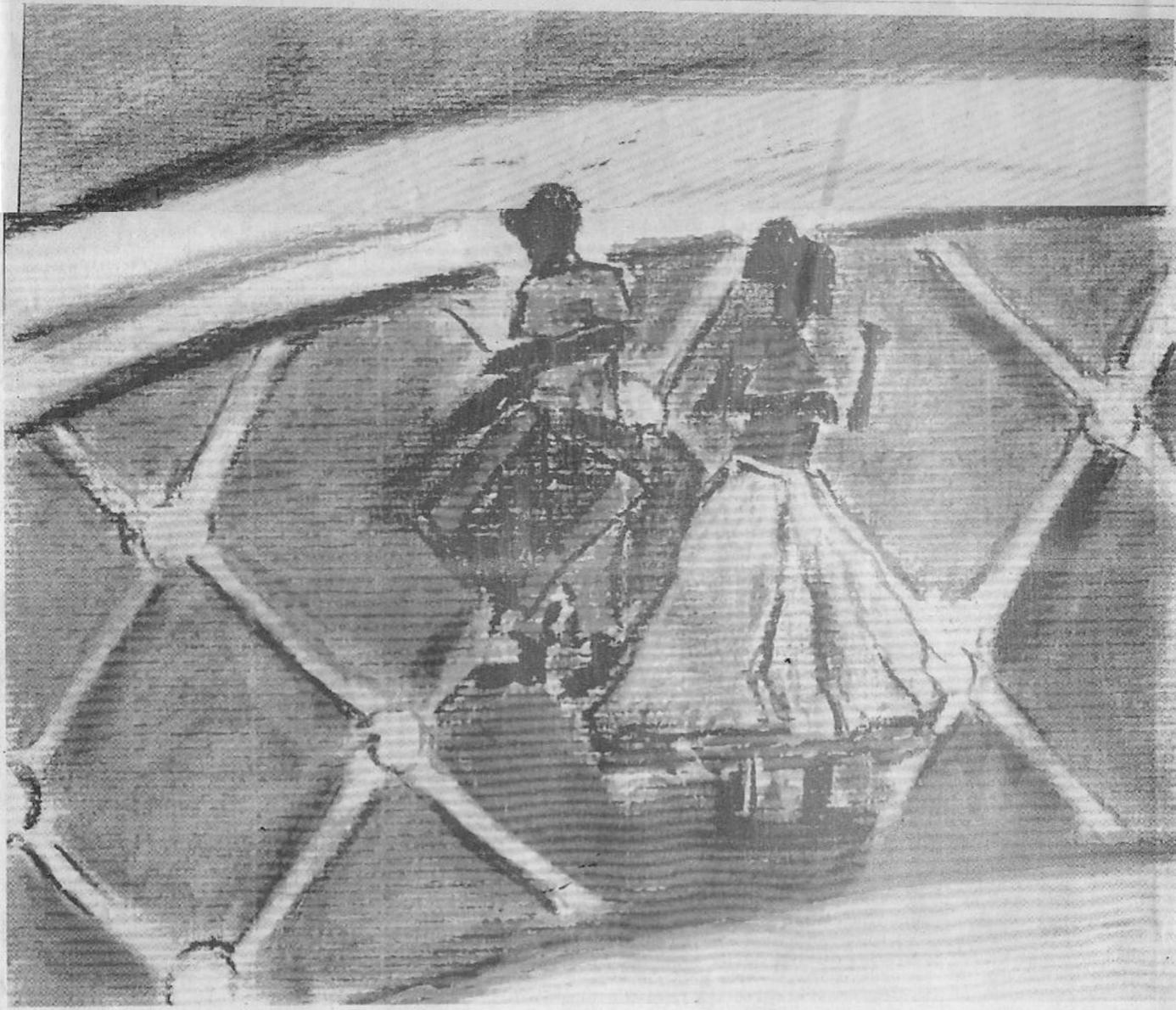
animadamente o carnaval e/ou as prévias da cidade. Está na capacidade de realização destes a sua própria força de se "re-inventar", a cultura e a identidade local também estão sendo reviradas por tais ações, nossa alagoanidade está obtendo novas referências do trabalho cultural percussivo.

Concluo este texto certo que estamos vivenciando um momento histórico para o Maracatu em Alagoas, a "Re-invenção" desta tradição no século XXI, com novas formas, ideias, pessoas, estruturas etc. Este mesmo Maracatu "re-inventado" perpassa de uma "circularidade"

particular e interessante que nos mostra o quanto pode-se criar coisas novas sem estar diretamente preso ao passado de forma cristalizada em algum tipo de tradição. Quando apareceu de um popular, o percussionista Wilson Santos, oferecendo um meio não tradicional – a oficina – para a transmissão dos conhecimentos do Maracatu, transcendendo origens de conhecimento tradicional passado apenas pela hereditariedade. Em outras palavras, o maracatu em Alagoas foi "re-inventado" com novas bases sociais, culturais e econômicas, recheado de uma "circularidade" impar

mergulhada em parcerias, conflitos e ações coletivas bem sucedidas.

A intenção desse estudo não foi prever o ponto de chegada dos grupos, nem definir segmentações entre estes, seja de percussão ou de dança. Propôs a sistematizar as ideias, concepções, estruturas sociais, políticas, identidades, impactos e conflitos culturais que envolvem os agentes da cena do maracatu alagoano contemporâneo. Não resta dúvida da força que o Maracatu Alagoano promete apresentar para a próxima década que se aproxima. Viva a Cultura Popular Alagoana!



### Referências

BRANDÃO, Théo. Folclore de Alagoas II. Maceió: Edufal, 1982.

CAVALCANTI, Bruno César. Bons e sacudidos: o carnaval negro e seus impasses em Maceió. In BARROS, Rachel R; CAVANCANTI, Bruno C;

FERNANDES, Clara S (Orgs) Kulé Kulé visibilidades negras. Maceió – AL: Edufal, 2006, pp. 26-40.

DUARTE, Abelardo. Folclore Negro das Alagoas: áreas de cana-de-açúcar – pesquisa e interpretação

/ Abelardo Duarte. • 2. Ed. – Maceió: EDUFAL, 2010.

ERIC HOBBSBAM, Terence Ranger (organizadores). A Invenção das Tradições. Tradução Celina Cardim Cavalcante. – [Ed. Especial].

– Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RAFAEL, Ulisses Neves. Xangô rezado baixo: religião e política na primeira república – São Cristóvão: Editora UFS, 2012.